

INTRODUÇÃO A UMA ESPIRITUALIDADE SEM DEUS¹.

André Comte-Sponville, *O Espírito Do Ateísmo*.

André Comte-Sponville, *The Spirit Of Atheism*.

Introduction to a spirituality without God

Antonio Alves de Melo^(*)

Resumo

Este ensaio procura definir o horizonte a partir do qual responde-se a três questões: pode-se viver sem religião? Deus existe? Qual é a espiritualidade para os ateus? Sem a pretensão de fazer uma abordagem profunda, apresento algumas notas de enfoque mais teológico, tomando como referência o livro de André Comte-Sponville, *O Espírito do ateísmo*. Situado nesse horizonte o ateísmo não se reduz à simplória negação da existência de Deus.

Palavras-chave: Existência de Deus. Ateísmo. Espiritualidade.

Abstract

This essay seeks to define the horizon from which three questions are answered: can one live without religion? Does God exist? What is spirituality for atheists? Without the intention of taking a deep approach, I present some notes more on theological focus, taking as reference the book entitled of André Comte-Sponville, *The Spirit of Atheism*. Situated in this horizon, atheism is not reduced to the simple denial of God's existence.

Keywords: Existence of God. Atheism. Spirituality.

1 ATEÍSMO, CRISTIANISMO, RELIGIÃO

O vocábulo *espírito* aponta para um vasto horizonte de significados que abrange o falar cotidiano, a literatura, a mitologia, as religiões, as ciências, a filosofia, a teologia. Paulinho da Viola no samba *Sei lá, Mangueira* intui um dado comum a toda esta riqueza: *A vida não é só isso que se vê/ É um pouco mais*. Me atrevo a corrigir o sambista dizendo: *é muito mais*. Em qualquer âmbito da realidade sempre se manifesta algo invisível para os olhos, dando-se a perceber através dos *sinais de transcendência*. Assim os define o sociólogo Peter L. Berger: *Por sinais de transcendência quero significar fenômenos que se encontram no domínio da nossa realidade “natural” mas que parecem apontar para além desta realidade*. Constituem sinais de transcendência a propensão para a ordem enquanto estrutura de sentido protetora levantada ante o caos, donde surge a confiança na ordem metafísica da realidade; a alegria como finalidade do

^(*) Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia em vários Seminários de confissão católica. Autor de numerosos artigos publicados em revistas acadêmicas, em especial na REB (Revista Eclesiástica Brasileira). [E-mail: antomaguin@ig.com](mailto:antomaguin@ig.com)

¹ André Comte-Sponville, *O Espírito do ateísmo. Introdução a uma espiritualidade sem Deus*. WMF Martins Fontes, São Paulo, 2007

jogo observada, por exemplo, nas brincadeiras de roda; a esperança a renascer sempre de novo por maiores que sejam as derrotas e fracassos; a condenação daquilo que constitui uma violação da consciência fundamental de nossa humanidade; o humor em reação ao aprisionamento da condição humana na seriedade e no trágico².

No cristianismo o vocábulo *espírito* possui uma gama de significados na vivência e na inteligência da fé. Haja vista seu emprego na liturgia, na piedade popular e na teologia. Fundamenta todas essas designações a confissão de que o *Espírito* é uma relação subsistente unida às outras duas relações subsistentes na Trindade eterna, constituindo a una e única essência divina. Noutros termos, é uma das três Pessoas divinas³. Malgrado o formalismo desta linguagem, trata-se da história eterna do Amor que passamos a coprotagonizar graças ao desígnio do Pai cumprido em Jesus Cristo e no dom do Espírito Santo por meio de quem nos tornamos “filhos no Filho”.

Em geral, as pessoas opõem espírito e matéria, o que tem levado a graves equívocos entre os cristãos, assim como fora do cristianismo. Ora, na Bíblia *espírito* indica mais dinamismo do que imaterialidade⁴. É no Espírito que o Ressuscitado se faz presente e atuante na Igreja. Por isto é tão importante a epiclese na celebração da eucaristia. O Espírito age ainda na criação, na história, na humanidade e em cada pessoa humana: “uma Pessoa em muitas pessoas”, bem como noutras formas de existência análogas à nossa que porventura possam existir para além da Terra. “O Espírito do Senhor enche o universo” (Sb 1,7).

Situado neste horizonte o ateísmo não se reduz à simplória negação da existência de Deus. Trata-se da negação de que a realidade seja sustentada por um fundamento e esteja impregnada de um sentido radical. Mas a negação da existência de Deus não desemboca necessariamente no amoralismo e no niilismo podendo, pelo contrário, inspirar um estilo de vida fundado sobre os valores que conferem sentido, dignidade e beleza à condição humana. Existem autênticos santos ateus. Haja vista, por exemplo, o testemunho de uma jovem médica ligada à organização *Médicos sem fronteiras*. Exercendo a medicina em meio à pobreza e à violência, ali estava guiada pela vontade de servir a um povo sofrido e necessitado. Não acreditava em Deus nem esperava recompensa para além da existência presente. Era conduzida unicamente pela vontade de servir. Ora, por-se a serviço é uma das propostas fundamentais do Caminho que é

² P. L. Berger, *Rumor de Anjos* 2ª edição revista, Vozes, Petrópolis, 1997, 90-122; J.C. Melatti, *Índios do Brasil*, Hucitec/UNB, 5ª edição, São Paulo/Brasília, 1987, 133-147

³ Cf. Tomás de Aquino, *Suma teológica* 1ª q.27-43

⁴ Cf. Vocabulário de notas temáticas em: *Bíblia do Peregrino*, Paulus, São Paulo, 2002, 3009

Jesus. Santidade quer dizer seguir o Caminho mesmo sem uma adesão explícita à fé cristã com base, porém, na acolhida do dom total do Deus Uno e Trino a todo ser humano sem exceção; em linguagem pastoral, “desde Adão até o último homem”⁵. Podemos assim falar de um *cristianismo anônimo*. Dele fazem parte todos os que acolhem e vivenciam o dom de Deus sejam crentes ou não. O cristianismo oficial, isto é, a Igreja continua sendo necessária como manifestação histórico-sacramental do dom universal da Trindade a todos os seres humanos e até mesmo a toda a criação.

Educado no cristianismo de tradição católica, Sponville reconhece que deve à Igreja católica uma parte essencial de seu modo de ser e agir. “Até meu modo de ser ateu permanece marcado por essa fé da minha infância e da minha adolescência”⁶. Reconhece a presença do cristianismo no Ocidente, das religiões na história da humanidade, da laicidade crescente e se opõe ao obscurantismo, ao fanatismo e ao niilismo. Este é o horizonte a partir de onde procura responder a três questões: pode-se viver sem religião? Deus existe? Que espiritualidade para os ateus? Sem a pretensão de fazer uma abordagem profunda, apresento algumas notas de enfoque mais teológico.

A religião pode ser enfocada a partir de inúmeras perspectivas. Haja vista os enfoques da filosofia, da ciência, do conhecimento popular, assim como as inúmeras práticas religiosas presentes por toda parte. Em sua expansão o cristianismo assumiu inúmeras delas. Em pleno século 20 crenças pagãs e ritos da religião popular continuavam presentes na Europa⁷. Não é diferente no Brasil.

Seria o cristianismo um conjunto de religiões ao lado de outras ou uma realidade de muito maior profundidade e amplitude? Há quem se refira ao cristianismo como uma religião da contínua superação da religião, a religião da saída da religião e, nesta perspectiva, a religião do futuro da religião. Seja o que for, no cristianismo a fé confere validade à religião.

A fé cristã é adesão a Jesus Cristo, Palavra eterna de Deus e realização definitiva do ser humano. Essa adesão engloba a totalidade do ser e da existência humana. Põe-se agora a pergunta: Jesus foi religioso? O ser e o agir de Jesus se enraizam no teocentrismo conforme testemunham os evangelhos. Sirvam de exemplo Lc 3,49; Mt 6,10; 12,25-30; Mc 3,35; Jo 16-17. Mas este teocentrismo, longe de conduzir a um

⁵ Cf. K. Rahner, *Curso fundamental da fé*, Paulinas, São Paulo, 1989, 11-113; K. Rahner – La puissance d’engendrement d’une pensée, *Recherches de Science Religieuse (RSR)*, 108/3, 2020

⁶ Sponville, *O espírito do ateísmo*, 9

⁷ Cf. X. Boniface, Patriotisme et théologie, *RSR*, 105/4, 2017, 536

sagrado distante, acessível apenas em ritos e cerimônias, impele Jesus ao encontro do ser humano, particularmente daqueles que estão mais por baixo na escala social e moral.

Jesus foi um pregador popular tomado de compaixão pelos marginalizados, relativizador das regras de pureza, anunciador da graça de Deus. Uniu de forma indissolúvel os mandamentos do amor a Deus e do amor ao próximo. Ampliou ao infinito a resposta à questão: quem é o meu próximo? (Lc 10,25-37). Em sua pregação se encontram discursos não-religiosos sobre Deus, voltados para o real em uma leitura teológica da vida cotidiana. Foi um judeu inserido desde a infância na prática do judaísmo (Lc 2,21-50). Sua história somente pode ser entendida levando-se em conta suas raízes no Primeiro Testamento. A partir de sua vivência religiosa como judeu, Jesus propôs uma experiência alternativa de Deus em que sagrados primeiramente, não são os ritos religiosos e as normas de comportamento ligadas a eles, mas os seres humanos a começar pelos que estão mais por baixo⁸.

Tendo origem em Jesus Cristo, o cristianismo não é uma religião, é um Caminho (At 18,26) e este Caminho é Jesus Cristo (Jo 14,6), Caminho para Deus e para a salvação, feito na interrelação entre culto existencial e culto religioso. Adaptando um dito popular: *Dize-me como vives e te direi qual é o Deus que adoras*.

Embora a vivência desta proposta deixe muito a desejar, existem admiráveis testemunhos de cristãos que no decorrer da história fazem uma experiência de Deus inspirada na experiência de Jesus. Dois textos provenientes de épocas diversas o testemunham. Escreve São Vicente de Paulo (1581-1660):

Deve-se preferir o serviço dos pobres a tudo o mais e prestá-lo sem demora. Se na hora da oração for necessário dar remédios ou auxílio a algum pobre, ide tranquilos oferecendo a Deus esta ação como se estivésseis em oração. Não vos perturbeis com angústia ou medo de estar pecando por causa do abandono da oração em favor do serviço dos pobres. Deus não é desprezado, se por causa de Deus dele nos afastarmos, quer dizer, interrompermos a obra de Deus, para realizá-la de outro modo.

Na mesma perspectiva se exprime Terry Eagleton, filósofo cristão contemporâneo: *Espantosamente, não somos salvos por um aparato especial conhecido como religião, mas pela qualidade de nossas relações cotidianas uns com os outros*⁹. Voltando a São Vicente de Paulo, deve-se observar que ele se refere ao ser humano pobre.

⁸ Cf. J.M. Castillo, *Jesus: a humanização de Deus*, Vozes, Petrópolis, 2015, 131-169

⁹ T. Eagleton, *O debate sobre Deus*, Nova Fronteira, Rio, 2011, 28

O cristianismo possui uma dimensão religiosa unida, porém, essencialmente ao serviço do próximo, a começar pelos pobres e marginalizados¹⁰. Cantavam as comunidades cristãs das origens: *Onde o amor e a caridade, Deus aí está*. Em todo verdadeiro gesto de amor, o Espírito está em ação, podendo-se afirmar o mesmo em relação à verdade. Afirma Tomás de Aquino: *Deve-se dizer que toda verdade, dita por quem quer que seja, vem do Espírito Santo enquanto infunde em nós a luz natural e nos dá a moção necessária para entender e exprimir esta verdade*¹¹.

Sponville afirma: *Pode-se viver sem religião, mas não sem comunhão, nem sem fidelidade, sem amor*¹². A criação em suas infinitas expressões se origina e subsiste como dom gratuito das três Pessoas divinas ao doar o ato de existir ao não-divino, sustentando-o no ser e, simultaneamente, conferindo-lhe consistência própria. *Cogito, ergo sum (Penso, logo existo)* afirma Descartes num dito que se tornou célebre na história da filosofia¹³. Com base no primado do amor avançamos ao dizer: *Amo, ergo sum (Amo, logo existo)*. O cristianismo confessa de modo radical: *Amor, ergo sum (Sou amado, logo existo)*. Existimos porque somos amados pelo Amor (cf. 1Jo 4,8).

A origem da criação é a comunhão das três Pessoas divinas que, num extravasamento gratuito, faz com que passe a existir o não-divino como um jogo, uma brincadeira, uma obra de arte do Amor. *Deus, o Criador, [...] é um artista, e um rematado esteta, que criou o mundo sem qualquer finalidade funcional em mente, mas apenas pelo amor e deleite de fazê-lo*¹⁴. A religião é uma expressão imperfeita desta certeza. Não podemos viver sem comunhão, porque o Criador é comunhão e mediante a graça do existir torna as criaturas participantes da eterna comunhão divina.

Podemos ou não viver sem religião? A pergunta fica em aberto. Seja como for não é possível viver sem comunhão, pois ser é comungar com as outras criaturas no interior da comunhão maior com o Pai pelo Filho no Espírito Santo. Desta maneira participamos da vida divina mediante a graça, na inteireza da condição de criaturas humanas.

¹⁰ J. Jeremias, *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*, Paulinas, São Paulo, 1977, 168-189

¹¹ Tomás de Aquino, *Suma Teológica* I-II. 109, 1, ad 1

¹² Sponville, *O espírito do ateísmo*, 67

¹³ Descartes, *Discurso do método*, UNB, Brasília, 1985, 55-62

¹⁴ Eagleton, *O debate sobre Deus*, 19

2 DEUS EXISTE? CREIO EM JESUS CRISTO

A existência ou a inexistência de Deus é uma questão que desde longe acompanha a história da filosofia¹⁵. A totalidade do ser se identifica com a totalidade do fenômeno ou existe um Fundamento, um Sentido, um Garante da totalidade do ser e de cada um dos entes? Estamos diante de uma questão-limite que pode ser pensada, mas ultrapassa sempre a conclusão que se alcança. Mesmo assim faz sentido nos interrogar sobre ela. Resumidamente três são as respostas: teísmo, agnosticismo e ateísmo. Sponville assume a terceira resposta: *Digamos que sou um ateu não dogmático: não pretendo saber que Deus não existe: creio que ele não existe*¹⁶.

Toda experiência possui uma dimensão de racionalidade. Pode ser objeto de um conhecimento que compreende, critica, explícita e aprofunda a realidade. Neste sentido, tudo o que é real, é racional. Todavia a realidade não se esgota nisto. A luz da razão é necessária, mas não consegue clarear todos os meandros do ser. Muitas zonas permanecem obscuras, bem como permanece obscuro o fundamento de possibilidade dos entes, mesmo que a razão consiga lançar alguma luz sobre ele. É o que acontece, por exemplo, com os *sinais de transcendência*. Eles não a explicam. São sinais que remetem a ela e fazem ver que crer é razoável, pois a realidade contém elementos que garantem essa razoabilidade. Não crer também pode ser razoável em razão de outros sinais manifestados pela realidade, parecendo apontar mais para o absurdo do que para o sentido. Haja vista os milhões de judeus mortos pelo nazismo, os milhares de palestinos desterrados durante a criação do estado de Israel, o pungente verso de Carlos Drummond de Andrade no poema *Para sempre: Por que Deus permite/ que as mães vão-se embora?*. O silêncio de Deus ante o sofrimento dos inocentes é chocante para crentes e não-crentes.

Mesmo assim faz sentido refletir sobre a existência de Deus e tentar justificá-la, cientes de que se trata de uma questão dotada de sentido, mas não de evidência. A existência de Deus é uma questão-limite. As questões-limite são pensáveis, devem ser pensadas, mas nunca se ajustarão plenamente às conclusões da razão humana. Haverá sempre assimetria, diferença e excesso entre o mistério de Deus, a razão humana e a realidade a partir da qual refletimos. Por isto não é possível uma prova absolutamente

¹⁵ Cf. M. Oliveira e C. Almeida (orgs.), *O Deus dos filósofos modernos* 2ª edição, *O Deus dos filósofos contemporâneos*, Vozes, Petrópolis, 2003/2002; G. Penzo e R. Gibellini (org.), *Deus na filosofia do século XX*, Loyola, São Paulo, 1998; P. J. Smith e P.J. de Lima Piva (orgs.), *Dez provas da existência de Deus*, 2ª edição, *Dez provas da inexistência de Deus*, Alameda São Paulo, 2012

¹⁶ Sponville, *O espírito do ateísmo*, 71

convincente da existência de Deus¹⁷. Do contrário, como entender que sejam ateias tantas pessoas brilhantes na inteligência, éticas no agir e generosas na convivência? Aliás, em qualquer campo do conhecimento o conceito de *prova* levanta sérios questionamentos.

Para o cristão o desafio que se põe não consiste em crer na existência de Deus. Em conversa com Jackson de Figueiredo, disse o franciscano Agostinho Ben: *Crer ou não crer pouco importa; o que vale é ser sincero em face da vida, e isso você é*¹⁸. A fé no Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo impele o crente num movimento que o compromete por inteiro. Assim, o protótipo do crente é Abraão. Deixando sua terra e renunciando a uma situação estável, pôs-se a caminho para uma terra distante em resposta ao chamado de Deus (Gn 11-25,18). Por conseguinte, crer é confiar de forma incondicional e, com base nesta confiança, assumir as responsabilidades e desafios postos pela vida. Inspirando-nos numa célebre frase de Guimarães Rosa, crer é muito perigoso.

Apoiada na confiança incondicional em Deus, a fé conduz à sinceridade diante da vida, o que não é fácil. Haja vista a sensação de representação que o mundo circundante nos transmite. Por isto o que certa vez disse Dietrich Bonhoeffer a um colega pastor deveria tornar-se prece diária para todo cristão: *Eu gostaria de aprender a crer*.

A Igreja existe a serviço deste aprendizado. Este serviço inclui a formulação de uma doutrina que tenta explicitar a Palavra de Deus e de fato a explicita nos limites das possibilidades humanas, sob a guia do Espírito Santo e a influência de condicionamentos os mais diversos, alguns nem sempre muito nobres. Haja vista a história dos concílios ecumênicos.

A doutrina sobre Deus é um dedo que aponta para o Mistério, mas não o descreve nem explica, oferecendo algumas balizas para que o pensamento e o discurso sobre Deus não descambem para a fantasmagoria, a fantasia descontrolada ou, pelo contrário, para o conceito de um Deus situado dentro dos limites da razão. Duas afirmações do teólogo Prudente Nery expõem a questão de modo muito feliz: *Deus é um para sempre não-outro de todas as nossas possíveis representações... Deus é um não-outro que, conferindo a todos os outros alteridade e identidade, sempre se retrai em seu mistério*. Por isto, a teologia deveria sempre se concluir num ato de adoração. Deus é sempre maior e melhor do que ensina a Igreja.

¹⁷ Cf. B. de Solages, *Iniciação metafísica*, Herder, São Paulo, 1964, 245-302; L. de Raeymaeker, *Filosofia do ser*, Herder, São Paulo, 1967, 295-341; P. Gilbert, *Prouver Dieu et espérer en lui*, *Nouvelle Revue Théologique* 118/5, 1996, 690-708

¹⁸ D.R. Vieira, *História do catolicismo no Brasil*, vol 2, Santuário, Aparecida, 2016, 169

Põe-se agora o paradoxo da encarnação. O Totalmente Outro assumiu a condição humana, tornou-se um de nós em Jesus Cristo. A antiga expressão *Unus de Trinitate...* (*Um da Trindade...*) exprime de modo um tanto rudimentar este fato decisivo para a fé cristã: a radical autotranscendência humana direcionada para Deus e a autocomunicação radical de Deus aos seres humanos sucederam plena e definitivamente em Jesus Cristo, homem-Deus¹⁹.

A partir desta certeza abre-se um horizonte infinito de questões que nunca serão satisfatoriamente respondidas. Haja vista o infindável debate em torno do conhecimento humano do Senhor Jesus²⁰. O que mais importa, porém, é a confiança em Deus e a relação com os seres humanos e toda a criação suscitados pela fé em Jesus Cristo. Concluo inspirando-me livremente no teólogo luterano J. Moltmann: se você quer saber quem é Deus, ajoelhe-se ao pé da cruz, pois Deus é Jesus Cristo. Em seguida, ponha-se de pé e retome o Caminho (cf. At,18,26).

(Recebido em junho de 2021; aceito em julho de 2021)

¹⁹ Cf. Rahner, *Curso fundamental da fé*, 213-377; T. Schneider (org.), *Manual de dogmática*, vol. 1, 2ª edição, Vozes, Petrópolis, 2000, 219-400. Sobre a antiga expressão ver: J. Chéné, “Unus de Trinitate passus est”, *RSR*, 53/4, 1965, 5-45

²⁰ Cf. *Suma teológica III*, q. 10-12; C. Josaphat, *Paradigma teológico de Tomás de Aquino*, Escola Dominicana de Teologia/Paulus, São Paulo, 2012, 695-747; L. Roy, *La connaissance humaine du Christ*, *RSR*, 106/4, 2018, 555-572